

POESIA NOIGANDRES NA GRÃ-BRETANHA: POÉTICAS DE RETAGUARDA

NOIGANDRES POETRY IN GREAT BRITAIN: ARRIÈRE-GARDE POETICS

André Camargo Thomé Maya Monteiro
Rogério Camara

POESIA CONCRETA
CIRCULAÇÃO
INTERNACIONALIZAÇÃO
ARTE MODERNA

No presente artigo, buscamos apresentar alguns dos antecedentes que viabilizaram o projeto de exportação da poesia concreta brasileira, do grupo Noigandres, para a Inglaterra e Escócia, nos anos 1960. Pesquisas recentes evidenciam a exemplaridade da poesia concreta brasileira para os poetas concretos desses países, mas, ao mesmo tempo, acabam por ofuscar o protagonismo do grupo paulista ao tratar a chegada da poesia concreta às ilhas como acaso do destino. Essas pesquisas costumam considerar que a primeira publicação sobre poesia concreta na Grã-Bretanha foi motivada por uma carta do poeta português E. M. de Melo e Castro ao *The Times Literary Supplement* (TLS) em resposta a um artigo que discorre sobre experimentações poéticas sem mencionar a poesia concreta. Diferentemente desses trabalhos, buscamos evidenciar algumas características do projeto Noigandres que reverberaram naquele contexto, bem como analisamos algumas das suas condições de importação.

CONCRETE POETRY
CIRCULATION
INTERNATIONALIZATION
MODERN ART

In this paper, we intend to present some of the antecedents that enabled the project of the “Noigandres” group of exporting Brazilian concrete poetry to England and Scotland in the 1960s. Recent approaches in the literature document the exemplarity of Brazilian concrete poetry for concrete poets in these countries, but, simultaneously, they end up overshadowing the role of the group by treating the arrival of concrete poetry in the islands as a matter of chance. These studies usually consider that the first publication on concrete poetry in Great Britain was motivated by a letter from the Portuguese poet E. M. de Melo e Castro to *The Times Literary Supplement* (TLS) in response to an article that discusses poetic experiments without mentioning concrete poetry. Unlike these approaches, this paper emphasizes certain characteristics of the Noigandres’ project that reverberated in that particular context, and also analyzes some of its import conditions.

ISSN 1518–5494

ISSN-E 2447–2484

MENSAGEM NA GARRAFA

O trabalho de maior fôlego voltado ao tema da poesia concreta na Inglaterra e na Escócia foi conduzido pelo pesquisador Greg Thomas na tese de doutorado intitulada *Concrete Poetry in England and Scotland 1962-75: Ian Hamilton Finlay, Edwin Morgan, Dom Sylvester Houédard and Bob Cobbing*. No início do capítulo dois da tese, *Concrete Foundations*, que discute a gênese do movimento da poesia concreta na Grã-Bretanha, Greg Thomas afirma que a primeira publicação sobre poesia concreta na Grã-Bretanha foi motivada em resposta a um artigo do periódico *The Times Literary Supplement (TLS)*, intitulado *Poetry, Prose and the Machine*, de 4 de maio de 1962. O referido artigo discorre sobre experimentações poéticas sem mencionar a poesia concreta. O poeta português E. M. de Melo e Castro, ao se deparar com o artigo, escreveu, em resposta, uma carta que foi publicada em 25 de maio de 1962, no TLS, como vemos a seguir (CASTRO, 2013, p. 185):

Senhor Diretor

Li com muito interesse o artigo “Poesia, Prosa e a Máquina” de um correspondente especial, publicado no número de 4 de maio do seu jornal, mas não posso deixar de ficar surpreendido por ele não ter mencionado o cada vez mais importante movimento da Poesia Concreta que, sendo oriundo do BRASIL, chega agora a Portugal. De fato, a Poesia Concreta é uma bem-sucedida experiência de escrita ideogramática ou diagramática e de criação poética, precisamente nas linhas referidas pelo seu correspondente.

Este tipo de experiência propõe-se substituir o método tradicional da comunicação descritiva por um modo visual compacto e ideogramático de criar e comunicar relações complexas e sutis entre ideias, imagens, palavras, coisas etc. A Poesia Concreta está a despertar uma onda de interesse tanto no Brasil como em Portugal, especialmente entre os jovens e os mais avançados poetas.

E.M. de Melo e Castro

Estrada da Floresta nº18

Covilhã Portugal

1. No original: “Portugal de Melo e Castro writes ideogrammes and objecto poemático and also to TLS 250562 re computer poems and concrete: his letter results in concrete in Britain (Edwin Morgan who wrote Castro: Ian Hamilton Finlay: Anselm Hollo: myself)”.

Mais adiante, Greg Thomas, em sua tese, afirma que “a prática da poesia concreta na Inglaterra e na Escócia deriva em grande parte de vários encontros independentes com esta carta” (THOMAS, 2013, p. 33, tradução nossa). Na mesma direção, a Professora Associada do *Centre of Latin American Studies* da Universidade de Cambridge, Viviane Carvalho da Annuniação, também pesquisadora do tema, valida a percepção de Greg Thomas, ao afirmar que a “carta não passou despercebida por poetas oriundos das ilhas britânicas que, imediatamente, fizeram contato com Melo e Castro e com os membros do grupo Noigandres” (ANNUNCIÇÃO, 2015, p. 61). Essa percepção não é muito diferente da que havia nos anos 1960; na verdade, ela se funda nas próprias percepções do período. Na cronologia da poesia concreta escrita por Dom Sylvester Houédard e publicada no catálogo da exposição “Between Poetry and Painting”, de 1965, encontramos a seguinte entrada para o ano de 1962: “Portugal de Melo e Castro escreve ideogrammes e objecto poemático e para TLS 250562 re poemas de computador e concreta: sua carta resulta no concreto na Grã-Bretanha (Edwin Morgan que escreveu para Castro: Ian Hamilton Finlay: Anselm Hollo: eu mesmo)” (HOUÉDARD, 1965, s/n)¹.

2. “Libertando a mente” [tradução nossa].

3. No original: “Is there a direct relationship, between the growth of human knowledge and the decline in humanity’s ability to handle what it knows?”. (WILLETT, 1962, p. 193).

4. A teoria da informação, ou teoria matemática da comunicação, desenvolvida por Claude Shannon e Warren Weaver, tem como marco a publicação do artigo *A Mathematical Theory of Communication*, escrito por Claude Shannon em 1948. No entanto, as discussões sobre a teoria só ganharam folego na década de 1960, com os avanços tecnológicos.

5. “Pesquisa e a biblioteca do futuro” [tradução nossa]. Escrito por D. J. Foskett, bibliotecário e cientista da informação. Especialista em sistemas de classificação, foi o responsável pelo sistema implementado pelo instituto de educação da University of London.

6. “Mecanização na lexicografia” [tradução nossa]. Escrito por R. A. Wisbey, pesquisador que se dedicava ao incipiente campo da tecnologia de computação e da informação aplicadas à literatura e linguagem de pesquisa e ensino.

7. “Armazenamento eletrônico e busca” [tradução nossa]. Escrito por Ralph R. Shaw, bibliotecário e inventor. Foi presidente da maior organização profissional para bibliotecários nos Estados Unidos, American Library Association (ALA).

8. “Os tipos de máquinas agora em uso” [tradução nossa]. Escrito por Andrew D. Booth, engenheiro elétrico e pesquisador da área de ciência da computação. Desenvolveu memória de tambor magnético para computadores e construiu um dos primeiros computadores na Inglaterra, na Universidade de Londres.

No mesmo ano, no livro *Teoria da Poesia Concreta: textos críticos e manifestos 1950–1960*, publicado pelo grupo Noigandres, essa história parece ser contada de maneira diferente, como se lê na entrada de 1963 que se encontra no apêndice sinopse do movimento da poesia concreta: “A. De Campos entra em contato com Ian Hamilton Finlay (revista *Poor. Old. Tired. Horse*) e Edwin Morgan, que lançam a poesia concreta na Escócia” (CAMPOS; CAMPOS; PIGNATARI, 2014, p. 267).

Desconsiderando a narrativa construída pelos poetas Noigandres, os trabalhos recentes que buscam filiar a poesia concreta britânica à poesia concreta brasileira, portanto, sempre começam do mesmo ponto de partida. Partem do pressuposto de que a curiosidade despertada pela carta teria motivado alguns poetas britânicos a entrarem em contato com E. M. de Melo e Castro, que, por sua vez, os colocou em contato com os poetas Noigandres. De fato, a carta teve um papel fundamental, o que é confirmado por variadas fontes. No entanto, essa descoberta poética do Brasil parece obliterar os esforços empreendidos pelo trio de poetas brasileiros em internacionalizar sua produção poética e teórica, que começaram muito antes de sua chegada às Ilhas Britânicas.

Cabe pontuar que E. M. de Melo e Castro, o autor da carta, relativizou seu efeito ao afirmar que “este acontecimento complementou o trabalho realizado pelos próprios poetas do grupo NOIGANDRES, principalmente as numerosas viagens transcontinentais de Haroldo de Campos que resultaram na implantação mundial da Poesia Concreta...” (CASTRO, 2013, p. 186). De modo similar, na sinopse do movimento da poesia concreta, publicada no livro *Teoria da Poesia Concreta*, lê-se, no ano de 1959: “março: Haroldo de Campos viaja à Europa. Divulga a poesia concreta brasileira e estabelece (ou renova) contatos...” (A. de CAMPOS; H. de CAMPOS; PIGNATARI, 2014, p. 264).

ANTECEDENTES

No começo da década de 1960, mais precisamente no dia 23 de março de 1962, o *Times Literary Supplement* (TLS), anunciou que, dali em diante, publicaria uma série de artigos especiais intitulada *Freeing the mind*². Segundo o editorial que apresenta a série, escrito por John Willett (1962, p. 193, tradução nossa), os seis artigos tinham como proposta abordar a “relação entre o crescimento do conhecimento humano e o declínio da habilidade humana em gerenciar o que conhece”³. A sequência de artigos publicados pelo TLS discute — mas, sobretudo, apresenta — o estado da arte de pesquisas técnico-científicas voltadas aos possíveis usos de novas tecnologias em prol de uma organização mais eficiente do trabalho intelectual e de pesquisa. Resumidamente, todos os textos lidam com teoria da informação, ou ainda, quantificação, armazenamento e comunicação da informação. Ainda, conforme o editorial, os textos especulariam sobre a possibilidade das então novas tecnologias libertarem a mente do trabalhador intelectual frente a uma produção de conhecimento cada vez mais massiva, mecânica e fragmentada.

Os cinco primeiros autores da série discutem quase que estritamente os avanços tecnológicos, em si, sempre balizados pela teoria da informação⁴, a saber: o primeiro⁵, *Research and the library of the future*, discute o avanço nos sistemas de indexação; o segundo⁶, *Mechanization in Lexicography*, discute o uso de computadores no campo da lexicografia; o terceiro⁷, *Electronic storage and searching*, discute o uso de computadores em sistemas de busca e armazenamento de material impresso; o quarto⁸, *The kinds of machines now in use*, discute e classifica algumas tecnologias em uso no

9. “O futuro da máquina de tradução” [tradução nossa]. Escrito por Yehoshua Bar-Hillel, pesquisador da área de linguística formal, pioneiro em pesquisas sobre tradução automática. Foi fundador do departamento de Filosofia da ciência da Universidade Hebraica de Jerusalém.

10. “O novo olho do intelecto” [tradução nossa]. Escrito por Margaret Masterman, pesquisadora da área de linguística computacional, pioneira em pesquisas sobre tradução automática. Foi fundadora do Cambridge Language Research Unit, Cambridge.

11. No original: “In this article I wish to suggest another quite different use for the digital computer in this non-numerical data-processing field, namely, its potential use not as a tool but as a telescope.”

12. No original: “When computers have been programmed to nose out more new mathematical proofs, when one-pack patiences [comentário nosso: “one-pack patiences” pode ser uma alusão ao jogo de cartas conhecido como “solitaire” ou “paciência”. Como houve dúvidas quanto a essa referência, optou-se por manter uma tradução literal no corpo do texto e indicar aqui essa observação] have been mechanically played to simulate the nature of a control system, when a computer is used, but reliably (as it will be), to paint pictures and write poems, and equipped with a machine-sized thesaurus to translate and therefore comparatively to identify differences of context in metaphysical and theological statements in different languages. when all this happens, will the programmer, the analytical wielder of this new mathematical paintbrush, be an artist, or will he be a scientist.”

13. O poeta Edwin Morgan, alguns anos depois, em 1965, já em sua fase concreta, por assim dizer, tentará simular alguns dos procedimentos da poesia efetivamente computacional próximas aos experimentos do grupo de Max Bense, descritas anteriormente no artigo *Poetry, Prose and the Machine*. Dom Sylvester também irá explorar o campo da tecnologia em seus *typestracts*.

campo da linguística e do processamento de informações; e o quinto⁹, *The future of machine translation*, discute o uso de máquinas no campo da tradução.

O sexto artigo¹⁰, que supostamente seria o último da série, escrito por Margaret Masterman, *The intellect's new eye*, expande a discussão para além do estado da arte das tecnologias da época ao trazer uma visão mais abrangente e especulativa sobre o futuro do uso do computador. A autora inicia a argumentação declarando que, ao contrário da direção tomada pelos artigos anteriores da série, tinha como “desejo sugerir outro uso bem diferente para o computador digital neste campo de processamento não numérico de dados, a saber, seu uso potencial não como ferramenta, mas como telescópio” (MASTERMAN, 1962, p. 284, tradução nossa)¹¹. Segundo a pesquisadora, o telescópio, mais do que uma ferramenta, foi responsável por criar uma visão de mundo. Ao final do texto, busca ainda criar uma ponte com o campo das artes, uma discussão mais próxima ao escopo editorial usual do TLS. Ainda partindo de uma visão da teoria da informação, Margaret Masterman, com muito otimismo em relação aos avanços técnico-científicos, encerra o texto com a seguinte provocação:

Quando os computadores forem programados para descobrir mais do que meras evidências matemáticas, quando os pacotes de paciências forem manipulados mecanicamente para simular a natureza de um sistema de controle, quando um computador for usado, mas de forma confiável (como será), para pintar imagens e escrever poemas, e equipado com um dicionário de sinônimos do tamanho de uma máquina para traduzir e, portanto, comparativamente, identificar diferenças de contexto em declarações metafísicas e teológicas em diferentes línguas, quando tudo isso acontecer, o programador, o portador analítico deste novo pincel matemático, será um artista, ou será ele um cientista?” (MASTERMAN, 1962, p. 284, tradução nossa)¹².

Dando continuidade à série, um último artigo, *Poetry, Prose and the Machine* (WILLETT, 1962, p. 310) não assinado e que não havia sido previamente anunciado, é publicado no dia 4 de maio de 1962. Com um discurso mais próximo ao do artigo anterior, o texto objetivava criar um paralelo entre a teoria da informação e a escrita, literatura. O ensaio começa descrevendo algumas das experiências de Max Bense¹³. Cabe destacar que, em 1959, Haroldo de Campos já havia publicado no *Suplemento Literário* do jornal *O Estado de São Paulo* o artigo *A nova estética de Max Bense*, que introduziu o pensamento bensiano para o público no Brasil e, talvez (WOLFSON, 2015, p. 83), nas Américas.

Freeing the mind, do TLS, colocava em pauta os avanços na teoria da informação, tema caro aos poetas do grupo Noigandres. A discussão, que no Brasil era trazida pelos próprios poetas concretos de São Paulo, estava igualmente em destaque nos artigos do TLS; em particular, nos dois últimos da série. Possivelmente, E. M. de Melo e Castro, já na ocasião, sabia sobre as articulações teóricas do grupo paulista. Nesse sentido, é possível vislumbrar os motivos que teriam motivado o poeta português a identificar a omissão e escrever uma carta que viria a desempenhar um papel importante na disseminação da poesia concreta na Grã-Bretanha. Nessa contextualização, a carta parece encontrar uma medida mais acurada de sua importância.

Dessa discussão, o que realmente importa é que algumas das bases teóricas da vertente da poesia concreta do grupo Noigandres já eram muito provavelmente partilhadas pelos futuros poetas concretos da Grã-Bretanha. Esses poetas estavam ali,

14. Ao longo de sua trajetória o TLS publicou textos inéditos de Roland Barthes, Saul Bellow, John Updike, Muriel Spark, Chinua Achebe, Patricia Highsmith, Umberto Eco, Susan Sontag, Martin Amis, Martin Scorsese, Kristen Roupenian, Lee Child etc. Também publicaram poemas inéditos de Thomas Hardy, W. H. Auden, Robert Frost, Sylvia Plath, Philip Larkin, Joseph Brodsky, Paul Muldoon e Anne Carson, dentre outros.

15. Apesar de apresentar uma estrutura convencional de versos e rimas, o trabalho de Finlay já apresentava algumas das características que o aproximariam da poesia concreta, particularmente uma tendência a utilizar versos sintéticos. A temática de Orkney também foi persistente em seus trabalhos. Por fim, há um uso de palavras do gaélico escocês como, por exemplo, partan em vez de crab, 'caranguejo'.

16. Em 1947, Edwin Morgan ingressa como professor assistente no departamento de letras. Morgan seguiu uma carreira acadêmica muito produtiva até o final da vida. Nas cartas, brinca que é o "The Times Literanonymy Shufflingment" (MORGAN; MCGONIGAL; COYLE, 2015, p. 46). A piada possivelmente se refere aos editoriais anônimos que eram prática da publicação, à época.

17. No original: "Sir Reading G S Fraser's anthology Poetry Now in Scotland one must differ from your reviewer's description of the book as giving a just picture of the present poetic scene The English scene perhaps but England is not Britain and Mr. Fraser claims that the poets represented are mainly those British poets who either began to write or who first properly discovered themselves during or after the Second World War and includes work by Irish Welsh and Scottish as well as English poets, Yet although the majority of the English poets represented were born after the First World War and began to publish after the Second only one of the seven Scottish poets in the book is in similar case Mr. Fraser has virtually ignored that younger generation of Scottish poets...".

lendo a carta de E. M. Melo e Castro, naquele exato momento, mesmo antes de terem contato com a poesia concreta propriamente dita. Afinal, a mera menção à poesia concreta não teria despertado interesse em Edwin Morgan, Dom Sylvester Houedard e Ian Hamilton Finlay, caso não houvesse, de suas respectivas partes, alguma familiaridade com os assuntos conexos discutidos em *Freeing the mind*, visto que a carta em si não apresenta a poesia propriamente dita e oferece informações muito vagas a seu respeito. Também não parece exagero especular que, tampouco teriam lido a carta ao leitor se não estivessem interessados nos assuntos debatidos no próprio artigo que ensejou o comentário do poeta experimental português. Ao que se sabe, E. M. Melo e Castro não tinha contato prévio com nenhum dos poetas escoceses. Tampouco gozava de fama, à época, algo que poderia motivar a leitura da carta. O endereço do poeta constava na própria publicação.

Aqui é importante pontuar que o TLS surgiu em 1902 como suplemento literário do importante jornal *The Times*, e, em 1914, se tornou uma publicação independente, mesmo que ainda produzida pelo mesmo grupo de mídia. O TLS desde sempre gozou do prestígio de seus colaboradores renomados.¹⁴ Essa relevância atraía os jovens poetas da cena. Ian Hamilton Finlay, na edição de 9 de fevereiro de 1962, apenas alguns meses antes da publicação da carta de E. M. Melo e Castro, publicara o poema *Orkney*.¹⁵ Dom Sylvester Houedard, em 18 de agosto de 1961, já era citado como fonte em uma resenha de livro. Edwin Morgan,¹⁶ na década anterior, em 7 de maio de 1954, recebera elogios por seu trabalho de tradução da obra *Beowulf: A Verse Translation into Modern English*.

Em suma, não se trata aqui de afirmar que os futuros expoentes da poesia concreta endossavam completamente o periódico, com o qual mantiveram uma relação sabidamente conturbada, mas compreender que, de fato, eles tinham a consciência da relevância que o TLS tinha para a comunidade literária, principalmente de língua inglesa. As diferenças dos poetas de outros arquipélagos com o jornal inglês, TLS, ficam muito bem ilustradas em uma carta publicada em 1956 na seção de cartas do leitor, em resposta à resenha previamente publicada no jornal sobre uma antologia de poesia, *Poetry Now*, editada por G. S. Fraser, conforme o trecho a seguir:

Senhor,

Lendo GS Fraser Poetry Now na Escócia, deve-se divergir da descrição do livro feita por seu revisor de ter "dado uma imagem justa da atual cena poética". Da cena Inglesa, talvez; mas a Inglaterra não é a Grã-Bretanha, e o Sr. Fraser afirma que "os poetas representados... são principalmente os poetas Britânicos que começaram a escrever, ou que se descobriram adequadamente a si próprios, durante ou após a Segunda Guerra Mundial, e inclui obras de poetas Irlandeses, Galeses e Escoceses, bem como Ingleses".

No entanto, apesar da maioria dos poetas Ingleses representados terem nascido após a Primeira Guerra Mundial, e começarem a publicar após a Segunda, apenas um dos sete poetas Escoceses nesse livro estão em um caso semelhante. O Sr. Fraser praticamente ignorou que uma geração mais jovem de poetas Escoceses...¹⁷ (SCOTT, 1956, p. 697, tradução nossa).

Mais adiante, na mesma carta, o poeta Edwin Morgan é citado como um dos exemplos dessa nova geração de poetas escoceses. Havia claramente uma frustração pela falta de reconhecimento dos poetas escoceses em relação aos poetas de língua inglesa,

particularmente em relação aos ingleses. Essa tensão aparece em muitos dos debates travados nas páginas do TLS.

POÉTICAS DE RETAGUARDA

18. Guernsey, antiga região insular da Normandia, uma das Ilhas do Canal.

19. Ou vanguardas históricas.

Para o historiador Eric Hobsbawm (1994), a cena artística da Grã-Bretanha, pós-Segunda Guerra Mundial, foi pujante, notadamente após a década de 1950, quando Londres se transformou em um importante centro de atrações musicais e teatrais. No entanto, o historiador pontua que na literatura, campo onde antes das grandes guerras particularmente os ingleses se notabilizavam, não houve uma produção tão expressiva. Por último, Hobsbawm (1994, p. 647) destaca que, na poesia, os escritores irlandeses “mais que se impuseram contra o Reino Unido”. Acrescento que, no Reino Unido, não menos significativa, foi a imposição contra a Inglaterra feita pelos poetas escoceses. Não coincidentemente, a poesia concreta na Grã-Bretanha não tem início na Inglaterra. Os principais expoentes, Ian Hamilton Finlay e Edwin Morgan eram escoceses; Dom Sylvester Houédard era guernesiano.¹⁸

Essa relação entre centro e periferia foi apresentada por Marjorie Perloff no livro *O gênio não original* (2013), em um capítulo que trata justamente da poesia concreta do grupo Noigandres. Para tanto, a autora adapta e contextualiza, mesmo que de maneira breve, a discussão travada no livro *Les arrièrre-gardes au XXe siècle*, organizado por William Marx (2008). O conceito de retaguarda, explorado por diversos autores no livro de Marx, e defendido por Perloff, não é uma mera excentricidade, singularidade terminológica. Pelo contrário, o uso do termo abre um debate importante sobre a poesia concreta no Brasil em sua relação com as vanguardas, o que, por conseguinte, avança em direção ao próprio entendimento da poesia concreta no Reino Unido, devedora da primeira.

Conceitos como vanguarda, neovanguarda, retaguarda (da vanguarda), são muitas vezes utilizados de maneira intercambiável. O primeiro deles, vanguarda, é de grande amplitude semântica. Por essa razão, Peter Bürger, em *Teoria da Vanguarda* (2017), apresenta o conceito de movimentos históricos de vanguarda,¹⁹ justamente para restringir seu emprego aos movimentos do início do século XX que tinham como horizonte a crítica institucional e a reintegração entre arte e vida. Bürger também delimita que a “ruptura radical com a tradição” operada pelas vanguardas históricas europeias não poderia ser reavivada, ou ainda, não poderia acontecer novamente por meio de uma segunda vanguarda (BÜRGER, 2017, p. 46). Portanto, para dar conta dos movimentos europeus ocorridos após a segunda guerra mundial, sobretudo nas décadas de 1950 e 1960, Peter Bürger adota o termo neovanguarda.

O diagnóstico feito por Bürger é de que o projeto das vanguardas históricas de aproximação entre arte e vida fracassou, o que acabou por relegar os movimentos artísticos posteriores, as neovanguardas, à indústria cultural e suas instituições. Ou ainda, o gesto de Duchamp se calcava na crítica ao suporte e ao próprio circuito artístico, que, ao ser reencenado pelas neovanguardas, se transmutaria em procedimento artístico, ancorado na adesão aos novos suportes e ao circuito artístico. Para o autor, os aparentes protestos das neovanguardas, apesar de apresentarem em suas obras uma pluralidade de procedimentos artísticos herdados das vanguardas históricas e até mesmo por eles expandidos, *grosso modo*, careceriam de autenticidade, de originalidade. Nesse sentido, Bürger argumenta:

20. No original: "avant-garde poetics".

Hoje, se um artista envia a uma exposição um tubo de estufa, de forma alguma vai alcançar a intensidade do protesto dos ready-made de Duchamp. Pelo contrário: enquanto o Urinol de Duchamp tencionava uma explosão da instituição arte (com suas formas específicas de organização, como museu e exposição), o expositor do tubo de estufa anseia para que sua 'obra' consiga ganhar entrada no museu. Assim o protesto vanguardista acaba por transformar-se em seu oposto (BÜRGER, 2017, p. 46).

Marjorie Perloff (2013, p. 679), no verbete poética da vanguarda,²⁰ que escreveu para o *The Princeton Encyclopedia of Poetry and Poetics*, já fazia oposição às teorias de Bürger. A pesquisadora afirma que as posições defendidas por Peter Bürger pecam por se basearem no trabalho de um artista, Duchamp, que sempre rejeitou seu pertencimento aos movimentos que Bürger considera originais em suas elaborações, a saber: o dadaísmo, o primeiro surrealismo e a vanguarda russa. Em síntese, Duchamp seria o exemplo do "gênio original" de que as próprias teorias de Bürger, vis-à-vis, seriam refratárias (PERLOFF, 2013, p. 693).

A tese defendida por Marjorie Perloff em o *Gênio não original*, já em seu título, vai de encontro ao trabalho de Bürger. Fugindo do caráter excessivamente restritivo apresentado em *Teoria da Vanguarda*, a autora investe em uma leitura das vanguardas mais próxima de seu sentido original, movimentos que estavam à frente do seu tempo, sempre buscando observar as permanências, e não as rupturas, de suas ideias ao longo do tempo. Para isso, Perloff defende o uso do conceito de retaguarda, conforme segue:

A dialética proposta é um corretivo útil, acredito, para as concepções costumeiras do que é vanguarda, seja como uma ruptura única como o mercado da arte burguesa, uma ruptura que não poderá jamais ser repetida — a tese de Peter Bürger — ou com uma série de rupturas, cada uma rompendo de modo mais decisivo com a outra anterior, como nos relatos, já apropriados pela sala de aula, dos movimentos de vanguarda do Futurismo ao Dada, ao Surrealismo, ao Fluxus, ao Minimalismo, ao Conceitualismo, e assim por diante. A segunda narrativa, ou narrativa do progresso, continua a assombrar a academia, mesmo agora que a vanguarda não é de modo algum um problema: refiro-me à premissa não declarada da teoria crítica de que a perspectiva dos globalistas iluminados, pós-colonialistas ou multiculturalistas sobre uma dada obra de arte ou movimento seja inerentemente mais 'avançada' do que a que veio antes (PERLOFF, 2013, p. 99).

Ao não adotar o termo neovanguarda, ou vanguarda, ao se referir à poesia concreta do grupo Noigandres, a autora afirma que "quando um movimento não é mais novidade, é o papel da retaguarda completar a sua missão, garantir o seu sucesso" (PERLOFF, 2013, p. 99). Em seguida, Perloff (2013, p. 99) acrescenta que o termo retaguarda não deve ser compreendido como "sinônimo nem com o de reação nem com o de uma nostalgia perdida e mais desejável; é, pelo contrário, a 'face oculta da modernidade'", tomando emprestada a expressão usada por William Marx.

O ponto que parece mais problemático na defesa feita por Perloff, é de que os objetivos entre retaguarda e vanguardas históricas fossem efetivamente os mesmos ou de que haveria uma relação grande de dependência dos movimentos do pós-guerra para com as vanguardas históricas. Cabe salientar que a afirmação assertiva de Perloff, de que o objetivo da retaguarda seria completar a missão da vanguarda, soa mais como uma frase de efeito em meio ao contexto apresentado. Ao longo do livro, percebe-se que essa sentença assertiva destoa do resto do texto e não representa, de maneira precisa, o pensamento da autora. No entanto, é importante apontar o equí-

21. Já a expressão *retaguarda*, de origem militar, pode ser lida sem a conotação pejorativa, que, como William Marx (2004, p. 8) enfatiza, não existe na realidade militar. Ainda cabe salientar que a mesma lógica se aplicaria ao uso do termo *vanguarda*, por ser igualmente de origem militar. O deslocamento do termo *vanguarda*, do sentido militar ao sentido estético, é tratado com mais detalhes no livro *Os cinco paradoxos da modernidade*, de Antoine Compagnon (2014). Já no livro *Les arrières-gardes au XXe siècle*, organizado por William Marx, o deslocamento do termo *retaguarda* é tratado por diversos autores ao longo do livro.

22. Flüsser teve proximidade com os poetas Noigandres. Sabidamente, em um primeiro momento foi divulgador da poesia concreta. Ao lado de Anatol Rosenfeld, chegou a traduzir parte do poema *Galáxias*, de Haroldo de Campos, para uma revista alemã (ALONSO, 2016, p. 8).

23. Originalmente publicado na revista *Cavalo Azul*, número 7, novembro de 1972.

voco, mesmo que pontual. Bürger, já alertara para o primeiro desses possíveis equívocos quando afirmou que:

Embora as neovanguardas em certa medida proclamem os mesmos objetivos que os representantes dos movimentos históricos de vanguarda, não se pode mais proclamar, com seriedade, a aspiração de uma recondução da arte à práxis vital dentro de uma sociedade constituída depois do fracasso das intenções vanguardista (BÜRGER, 2017, p. 46).

Por outro lado, a diferença de objetivo entre os movimentos dos anos 1950 e 1960, em relação às vanguardas históricas, tampouco é balizada de maneira precisa pela simples adoção do conceito de neovanguarda, como exemplificado pela própria necessidade de Bürger de pontuar em nota de rodapé esse comentário. Aliás, o prefixo *neo*, contido no termo neovanguarda, carrega conotação justamente oposta: novo, atualizado.²¹ Por esse ângulo, o termo neovanguarda não parece caber nas próprias formulações do autor para descrever os movimentos pós-45.

Se a adoção do termo *retaguarda* tampouco serve como corretivo pleno e possui limites, conforme exposto; por outro lado, evidencia a relação anacrônica e ambivalente entre esses movimentos, do pós-guerra, e as vanguardas históricas (CÂMARA; KLINGER; PEDROSA; WOLFF, 2018, p. 139). Essa percepção sobre a produção artística do século XX fez com que autores tão diversos quanto Roland Barthes, Antoine Compagnon e Marjorie Perloff, trabalhassem com a noção de *retaguarda da vanguarda* (CÂMARA; KLINGER; PEDROSA; WOLFF, 2018, p. 139).

Outro autor, mais próximo aos poetas Noigandres,²² que problematizou a ideia de vanguardismo foi Vilém Flüsser que, em 1972, escreveu um ensaio justamente intitulado *Arte de retaguarda*.²³ Para o autor, o historicismo sempre valoriza a linearidade, promovendo, assim, um juízo de valor, onde o futuro é melhor que o passado. Segundo o autor, em uma leitura linear da história, valoriza-se a ponta do raio, a vanguarda, e se desvaloriza a fonte do mesmo, a *retaguarda*. Ainda acusa que essa mesma atitude frente à história coincide estruturalmente com o tradicionalismo, onde o passado é melhor que o futuro. Para concluir a defesa de uma arte de *retaguarda*, o autor afirma:

“Arte de *retaguarda*”? Sim, se o termo “*retaguarda*” for adaptado aos resultados aqui elaborados. Assim: que “*retaguarda*” seja aquele posto, no exército da humanidade, que avança de uma origem esquecida rumo a um futuro ignorado, e que protege o exército contra os perigos traiçoeiros que o ameaçam pelas costas (FLÜSSER, 1972, s/n).

Não muito distantes são os comentários de outro pesquisador que se debruçou sobre o conceito de *retaguarda*, Antoine Compagnon. No artigo *A retaguarda, de Péguy a Paulhan e Barthes*, publicado na coleção de William Marx (2008), o autor explicita essa relação anacrônica:

A *retaguarda* é, portanto, a vanguarda que permaneceu fiel ao misticismo que os contemporâneos abandonaram. O conceito testemunha o que o alemão pensava nos entreguerras ao se referir a ‘simultaneidade de não contemporâneos’, ‘heterocronia’ resultante da divergência de tempo e idade, *Gleichzeitigkeit* e *Gleichaltrigkeit*,

24. No original: "L'arrière-garde, c'est donc l'avant-garde restée fidèle à la mystique que les contemporains ont désertée. La notion témoigne de ce que la pensée allemande de l'entre-deux-guerres devait appeler la simultanéité des non-contemporains, hétérochronie résultant de la divergence du temps et de l'âge, Gleichzeitigkeit et Gleichaltrigkeit, ou de la coexistence des générations, avec les distorsions et disproportions qui en résultent à tout moment dans le mouvement politique ou littéraire."

25. Esse termo foi pego de empréstimo, neste trabalho, da biologia (ek=fora; topos=lugar). Na genética, ambos os termos são empregados: heterocrônica e ectópica. O primeiro termo para a expressão de um gene fora do momento e o segundo para a expressão de um gene fora do local. Assim como no uso que fizemos, essas duas expressões genéticas podem se combinar.

26. Poesia concreta: produto de uma evolução crítica de formas dando por encerrado o ciclo histórico do verso (unidade rítmico-formal), a poesia concreta começa por tomar conhecimento do espaço gráfico como agente estrutura. espaço qualificativo: estrutura espaço-temporal, em vez de desenvolvimento meramente temporístico linear, daí a importância da idéia de ideograma, desde o seu sentido geral de sintaxe espacial ou visual, até o seu sentido específico (fenollosa/pound) de método de compor baseado na justaposição direta — analógica, não lógico discursiva — de elementos. "il faut que notre intelligence s'habitue à comprendre synthétique-ideographiquement au lieu de analytico-discursivement" (apollinaire). Eisenstein: ideograma e montagem.

27. Precusores: Mallarmé (un coup de dés, 1897): o primeiro salto qualitativo: "subdivisions prismatiques de l'idée"; espaço ("blancs") e recursos tipográficos como elementos substantivos da composição. Pound (The Cantos): método ideográfico. Joyce (Ulysses e Finnegans Wake): palavra-ideograma; interpenetração orgânica de tempo e espaço. Cummings: atomização de palavras, tipografia

ou a coexistência de gerações, com as distorções e as desproporções resultantes em qualquer momento do movimento político ou literário (COMPAGNON, 2008, p. 95, tradução nossa).²⁴

Se a heterocronia é característica das retaguardas, resultante da divergência de tempo, conforme apontado por Antoine Compagnon, também é ectópica,²⁵ resultado da divergência de espaço, conforme apontado por Marjorie Perloff (2013, p. 109), quando se indagou: "a questão permanece de por que um tal concretismo como o de Fahlström, com sua recuperação maravilhosa do *zaum*, da poesia sonora, da tipografia inovadora e da apropriação textual, ter nascido quando e onde nasceu". Esse mesmo questionamento pode ser lançado à vertente brasileira, do grupo Noigandres, ou aos poetas concretos do Reino Unido, particularmente os escoceses.

Mesmo sem ter o mesmo impacto do manifesto de Marinetti, de 1909, os poetas Noigandres publicaram o seu próprio manifesto, *Plano-Piloto para Poesia Concreta*, em 1958. As diferenças entre os dois manifestos matizam as particularidades entre as posições de vanguarda e de retaguarda, respectivamente. No manifesto futurista, ao longo de seus onze pontos, não faz qualquer menção ao passado, só ao então presente e ao futuro. Já o manifesto concretista, do grupo Noigandres, em seu primeiro parágrafo localiza o movimento da poesia concreta na história para,²⁶ no parágrafo seguinte,²⁷ nomear seus precursores. Feito esse breve introito, anunciam as próprias premissas do projeto concretista. Essa comparação entre os manifestos cabe perfeitamente nos dizeres de Compagnon, quando afirmou que:

se a vanguarda se baseia em desconfiança ou ódio da linguagem, na decisão de violar a linguagem, a retaguarda, no final da vanguarda, depende da conversão ou conversão ao amor pela língua. A retaguarda – pelo menos a interessante retaguarda – seria o tempo da filologia... (COMPAGNON, 2008, p. 99, tradução nossa).²⁸

A poesia concreta do grupo Noigandres efetivamente renovou alguns dos procedimentos das vanguardas históricas. Foram radicais em algumas de suas proposições artísticas, assumindo uma postura abertamente vanguardista: declarar o fim do ciclo histórico do verso e empregar o mesmo programa em suas faturas.²⁹ Simultaneamente, tiveram o trabalho crítico marcado por revisões e resgates de autores até então esquecidos. No sentido exposto, não se trata de uma mera tentativa de repetir procedimentos de uma vanguarda canonizada. Capitanearam uma relação heterocrônica e ectópica com seus precursores.

Sendo assim, parece mais preciso assumir a posição retaguardista do grupo Noigandres, que se situaria efetivamente na retaguarda da vanguarda. Antoine Compagnon pontua que o papel da retaguarda é justamente o de resguardar o que está sendo ameaçado, os procedimentos de vanguarda. Reitera-se que a análise da própria trajetória do grupo parece descortinar esse caráter retaguardista do grupo Noigandres. Em síntese, encampam um projeto complexo de recuperação de seus precursores, recriam alguns dos procedimentos artísticos deles, levam a cabo um projeto criativo/poético no contexto das novas mídias e articulam um circuito próprio para escoar sua produção.

Em 1963, Dom Sylvester Houédard publicou na revista *Typographica* o ensaio *Poesia Concreta* (2010), considerado o trabalho que introduziu a poesia concreta para os

fisiognômica; valorização expressionista do espaço. apollinaire (calligrammes): como visão, mais do que como realização. futurismo, dadaísmo: contribuições para a vida do problema. no/brasil:/oswald de andrade (1890-1954): "em comprimidos, minutos de poesia". /joão/cabral de melo neto (n. 1920 – o engenheiro e psicologia da composição mais anti-ode): linguagem direta, economia e arquitetura funcional do verso (A. DE CAMPOS; H. DE CAMPOS; PIGNATARI, 2014, p. 215).

28. No original: "Il vaut la peine de s'arrêter à cette idée: si l'avant-garde se fonde sur la méfiance ou la haine de la langue, sur la décision de violenter la langue, l'arrière-garde, au bout de l'avant-garde, dépend de la conversion ou de la reconversion à l'amour de la langue. L'arrière-garde — du moins l'arrière-garde intéressante — serait le temps de la philologie après la Terreur, de la philologie et non du purisme, car, comme disait Proust, défendre la langue, c'est l'attaquer la prendre à bras-le-corps, non la condamner."

29. O manifesto do Grupo Noigandres, de 1958, é posterior as práticas do grupo, funcionando como uma síntese do trabalho. Foi publicado originalmente na revista Noigandres nº 4.

designers de língua inglesa, dado o alcance internacional da publicação. Não coincidentemente, o autor lançou mão dos mesmos procedimentos adotados no manifesto *Plano-Piloto para Poesia Concreta*, a saber: localizou o movimento da poesia concreta na história, nomeou seus precursores e anunciou as próprias premissas do projeto concretista. Mantidas as particularidades de cada texto, a posição retaguardista parece aproximar essas realidades que em análise superficial parecem longínquas.

A visão romântica de que uma carta, uma mensagem na garrafa lançada ao mar, teria desencadeado por si só o movimento na Inglaterra e na Escócia, apesar de poética, pouco contribui para elucidar o problema em questão. Afinal, como nos lembra Augusto de Campos (1996, s/n), "a poesia concreta não nasceu por geração espontânea ou mera idiosincrasia" (CAMPOS; CAMPOS; PIGNATARI, 1996). E isso vale tanto para cá, quanto para lá.

REFERÊNCIAS

- ALONSO, Rafael. Vilém Flusser, um migrante plurilíngue. *Revista Landa*, v. 5, n. 1, 2016.
- ANNUNCIACÃO, Viviane Carvalho da. Poesia concreta: correspondências entre Brasil e Reino Unido. *Revista Circuladô*, v. 3, n. 3, 2015.
- BÜRGER, Peter. *Teoria da vanguarda*. São Paulo: Ubu, 2017.
- CÂMARA, Mario; KLINGER, Diana; PEDROSA, Celia; WOLFF, Jorge (org.). *Indiccionário do Contemporâneo*. Belo Horizonte: UFMG, 2018.
- CAMPOS, Augusto de; CAMPOS, Haroldo de; PIGNATARI, Décio. *Teoria da Poesia Concreta: textos críticos e manifestos 1950-1960*. 5 ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2014.
- . A certeza da influência. [Entrevista concedida a] *Folha de S.Paulo. Caderno Mais*, São Paulo, 8 dez. 1996. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/12/08/mais/13.html>>. Acesso em: 18 out. 2019.
- CASTRO, Ernesto Manuel de Melo e. Entrevista com o poeta experimental Ernesto Manuel de Melo e Castro. *Entrevista concedida a Ana Cristina Joaquim. Revista Dessossego*, v. 5, n. 9, p. 181-197, jun., 2013.
- COMPAGNON, Antoine. *Os cinco paradoxos da modernidade*. 2ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.
- . L'arrière-garde, de Péguy à Paulhan et Barthes. In: MARX, William. *Les arrière-gardes au XX^e siècle*. Paris: Quadrige, 2008, p. 93–101.
- FLUSSER, Vilém. *Arte de retaguarda*. Flusserbrasil, 1972. Disponível em: <http://flusserbrasil.com/art15.html>. Acesso em: 12 de maio de 2021.
- HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos*. Companhia das Letras. Kindle Edition. 1994.
- HOUÉDARD, Sylvester; REICHARDT, Jasia. *Between poetry and painting*. Exhib. at the Institute of Contemporary Arts, London, 22nd Oct. -27th nov. 1965. London: [s.n.], 1965.
- HOUÉDARD, Sylvester. *Poesia Concreta*. In: BIERUT, Michael; HELFAND, Jessica; HELLER, Stevens; POYNOR, Rick (Orgs.). *Textos clássicos do design gráfico*. São Paulo: Martins Fontes, 2010, p. 154–158.
- MARX, William. *Les arrière-gardes au XX^e siècle*. Paris: Quadrige, 2008
- MASTERMAN, M. M. *Freeing the Mind, VI: The Intellect's New Eye*. *The Times Literary Supplement*, n. 3139, 27 Apr. 1962, p. 284. *The Times Literary Supplement Historical Archive*.

- MORGAN, Edwin; MCGONIGAL, James; COYLE, John. Midnight Letterbox. Apple Books, 2015
- PERLOFF, Marjorie. O Gênio não original. Poesia por outros meios no novo século. Belo Horizonte: UFMG, 2013.
- SCOTT, Alexander. Poetry Now. The Times Literary Supplement, n. 2856, 23 nov. 1956, p. 697. The Times Literary Supplement Historical Archive.
- THOMAS, Greg. Concrete Poetry in England and Scotland 1962-75: Ian Hamilton Finlay, Edwin Morgan, Dom Sylvester Houédard and Bob Cobbing. University of Edinburgh, Edinburgo, 2013.
- Times Literary Supplement. Poetry, Prose and the Machine. Londres: 4 de maio de 1962, p. 310.
- WILLETT, J. Freeing the Mind: Poetry, Prose and the Machine. The Times Literary Supplement, n. 3134, 23 Mar. 1962, p. 193. The Times Literary Supplement Historical Archive.
- WOLFSON, Nathaniel. A Correspondência entre Haroldo de Campos, Max Bense e Elizabeth Walther: Uma Primeira Leitura. Revista Circuladô, v. 3, n. 3, 2015. Disponível em: <file:///C:/Users/mconstantini/Downloads/circulado_revisao3.pdf>

ANDRÉ CAMARGO THOMÉ MAYA MONTEIRO

Professor Adjunto do departamento de Design da Universidade de Brasília. Graduado em Design pela UnB, mestre e doutor em Artes pela mesma instituição. Realiza pesquisas que buscam relacionar arte moderna brasileira e mercado editorial.

<http://lattes.cnpq.br/1784460068841267>

ROGÉRIO CAMARA

Professor Associado do departamento de Design da Universidade de Brasília. Graduado em Design pela PUC – RJ, mestre e doutor em Comunicação pela UFRJ. Realiza pesquisas sobre as relações entre textualidade e cidade com ênfase em poéticas visuais. Autor do livro “Grafo-sintaxe concreta: o projeto Noigandres” e organizador do livro “Poesia/poema: Wladimir Dias-Pino” entre outras publicações e artigos.

<https://orcid.org/0000-0002-1590-4948>